

O curso Técnico de Desenho Industrial do CEFET-PR: Contexto de criação, desafios e objetivos.

The Industrial Design Technical course at CEFET-PR: Context of creation, challenges and goals.

PINHEIRO, Ana Carolina Martins; Bacharel em Design, Mestranda em Tecnologia e Sociedade; Universidade Tecnológica Federal do Paraná
oianapinheiro@gmail.com

BRAGA, Marcos da Costa; Doutor em História Social; Universidade de São Paulo
bragamcb@usp.br

Este artigo tem por objetivo compreender aspectos da criação, formação e consolidação, nos anos 1980, do pioneiro Curso Técnico de Desenho Industrial do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR). Para isso, descreve as origens institucionais, que desde seu surgimento como Escola Técnica oferecia disciplinas relacionadas ao Desenho Industrial. Como estratégia metodológica, este trabalho se vale principalmente da abordagem da Micro-história e dos métodos História Oral. As fontes históricas levantadas foram os documentos institucionais da própria escola, matrizes curriculares e entrevistas com professoras do curso nos anos 1980. Fizemos também um estudo comparativo com os primeiros cursos superiores de Design em Curitiba (UFPR e PUC-PR). Este trabalho permite compreender melhor como o curso técnico do CEFET-PR foi se consolidando, como suas abordagens pedagógicas buscavam atender às necessidades locais da época e, ao mesmo tempo, manter os traços que o caracterizaram desde a fundação da instituição.

Palavras-chave: Design; Educação; História.

This article aims to comprehend aspects of the creation, formation and consolidation, in the 1980s, of the pioneering Technical Course of Industrial Design at the Federal Center for Technological Education of Paraná (CEFET-PR). For that, it describes the institutional origins, which since its foundation as a Technical School, offered subjects related to Industrial Design. As a methodological strategy, this work primarily uses the Micro-history approach and the Oral History methods. The historical sources researched were the institutional documents of the school itself, curriculum matrices, and interviews with teachers of the course in the 1980s. We also did a comparative study with the pioneering superior Design courses in Curitiba (UFPR and PUC-PR). This research allows us to understand better how the CEFET-PR's technical course was consolidated, how its pedagogical approaches aimed to meet the local needs of that moment and, concurrently, maintain characteristics that marked it since the institution's foundation.

Keywords: Design; Education; History.

1 Introdução

Com um longo histórico na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), o ensino de disciplinas correlatas ao campo de conhecimento do Desenho Industrial atravessa diversas décadas da história de Curitiba, possibilitando diferentes objetos de estudos e abordagens de pesquisa. Através de um olhar micro-históricográfico e utilização dos métodos da História Oral, objetiva-se neste artigo compreender as motivações para a criação, e aspectos da formação profissional e da consolidação do ensino técnico de Desenho Industrial no CEFET-PR (antes de se tornar a UTFPR) – um curso que foi pioneiro no Brasil neste nível de formação e que incluía o ensino médio. Este processo se inicia na implementação do Curso Técnico em Desenho Industrial em 1981, e se consolida em 1988, com primeira grande atualização na sua matriz curricular. Tais mudanças nas disciplinas encaminham o curso em direção ao campo do Design, conforme as noções que se delineavam no final desta década. Portanto, será examinado o seu projeto pedagógico de ensino técnico na intenção de investigar quais foram suas características. Outro ponto para buscar compreender a consolidação desse ensino é entender qual era a concepção profissional pretendida e como tal profissional se encaixava em uma cidade que já tinha dois cursos de ensino superior na área do Desenho Industrial.

Em termos teórico-metodológicos, o emprego da abordagem e das técnicas da Micro-história justificam-se na medida em que os aspectos estudados “incidem transversalmente” (BARROS, 2007, p. 175) na história da instituição do ensino de Design em Curitiba, permitindo uma compreensão também do contexto mais amplo. A pesquisa com base na Micro-história explora intensamente as fontes primárias, auxilia a delimitação temporal e geográfica do objeto de estudo observando suas peculiaridades, mas sem perder de vista sua inserção em contextos do entorno social. Ao mesmo tempo, como se trata de uma história relativamente recente, a utilização de fontes orais representa uma rica possibilidade para a pesquisa. Reconhecida como um importante “caminho para produção do conhecimento histórico” (NEVES, 2003, p. 29), a História Oral possui a capacidade de reunir o tempo histórico e o tempo presente, e permitir um cruzamento de intersubjetividades entre a pessoa que profere o relato e a que o colhe. Ainda, a combinação da abordagem da Micro-história com a história oral permite vislumbrar o que acontecia além das universidades – questões relacionadas à industrialização, desenvolvimento econômico, aspectos sociais – e também compreender qual era o conceito de Design para professores e profissionais na época.

As principais fontes utilizadas para esta pesquisa foram livros institucionais da história da UTFPR, as matrizes curriculares do curso técnico de Desenho Industrial de 1981 e 1988 encontradas e organizadas pelo Prof. Dr. Alan Witikoski (UTFPR), e quatro entrevistas realizadas pela autora. As pessoas entrevistadas foram a professora Dr.^a Maristela Mitsuko Ono (UTFPR), a professora Maria Cecília de Noronha (UTFPR), a professora Dr.^a Suzete Nancy Filipak Mengatto (UTFPR) e a egressa Thanani Gomes. Todas autorizaram por escrito em ceder seus depoimentos para esta pesquisa, seguindo a ética da História Oral.

Por fim, o presente artigo pretende contribuir para preencher uma lacuna na historiografia do Design no Brasil ao resgatar um curso que foi criado e consolidado, de modo pioneiro, em uma década na qual havia manifestações da academia de Design contrárias a “oficialização” do termo “desenhista industrial de nível técnico”; conforme relatório preliminar de 1986 de um grupo de trabalho nomeado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), no mesmo ano, para “avaliar o ensino superior de Desenho Industrial” (FERREIRA, 2018, p. 154-158). Procurava-se assim preservar a atividade projetual, considerada mais complexa, para os diplomados em nível superior. No entanto, como veremos adiante, o curso técnico aqui pesquisado não deixou de fora noções de projeto, estética e criatividade.

2 Origens da UTFPR

Criada em 1909 na cidade de Curitiba, a Escola de Aprendizes e Artífices ofertava ensino primário e ofícios, com aulas de Desenho ornamental e Escultura artística, em cursos como os de Alfaiaataria e Marcenaria (LEITE, 2010, p. 17). Em 1937, a escola se transformou em Liceu Industrial do Paraná e passou a ministrar ensino de 1º grau, e entre as disciplinas ofertadas, havia aulas de pintura decorativa e escultura ornamental (LEITE, 2010, p. 35). Em 1943, mudou para Escola Técnica de Curitiba (ETC) e passou a oferecer novos cursos, como ensino industrial básico em Tipografia¹ e Encadernação, os cursos profissionalizantes de 2º grau de Desenho Técnico e também Decorações de Interiores (LEITE, 2010, p. 42-44).

Referência no cenário nacional, em meados dos anos 1950 a ETC passou a sediar um Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CTPT), orientando docentes que atuavam no ensino técnico e industrial de todo o Brasil – em cursos como Marcenaria, Fundição e Modelagem, Mecânica de Máquinas, Serralheria e Eletricidade. Em 1960 o CTPT teve sua denominação alterada para Curso de Formação de Professores, possibilitando um processo formativo para aqueles que almejavam o Magistério. Aos cursos já existentes, foram acrescentados cursos como os de Artes Gráficas e de Artes Industriais (AMORIM, 2004, p. 287-315). O programa de Artes Gráficas estava estruturado com disciplinas de Preparação Profissional (Prática de Oficina, Tecnologia e Desenho Técnico); Preparação Pedagógica (Técnica de ensino, Auxílios didáticos, Organização e direção de oficinas escolares, Análise de ofícios e construção de cursos), e Preparação Geral (Matemática, Português e Noções de desenvolvimento industrial) (AMORIM, 2004, p. 308-309).

Em meio a diversas reformas do ensino nacional, em 1959 a ETC passou a denominar-se Escola Técnica Federal do Paraná (ETFPR) (LEITE, 2010, p. 49-54). A partir desse ano até 1980, no Curso de Técnico em Decorações era possível obter o diploma de Técnico em Decorações de Interiores após o curso completo de 4 anos, ou a titulação de Desenhista de Móveis ao concluir apenas 3 anos de estudos (MENGATTO, 2009, p. 27). Na década de 1970, em constante crescimento, a escola ampliou seu espaço físico e o nível educacional. O Conselho Federal de Educação, em outubro de 1973, aprovou o funcionamento dos cursos de Ensino Superior em Engenharia – como Engenharia de Operação, Eletrônica e Eletrotécnica. No mesmo ano, em Curitiba, houve a instalação da Cidade Industrial, um projeto econômico e urbanístico que viria a gerar muitos empregos propícios para os técnicos formados pela ETFPR.

Devido à qualidade do ensino e a complexidade da estrutura administrativa, em 1978 a Escola Técnica tornou-se o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR) (LEITE, 2010, p. 64-66, 80-81). Como resposta ao crescimento industrial neste período, o MEC incentivou as instituições de ensino a efetuarem pesquisas sobre o mercado de trabalho, e criarem cursos em áreas profissionais onde houvesse demanda pelas empresas. Assim, o curso de Decoração deixou de existir, e em seu lugar, para corresponder ao perfil profissional esperado pelo mercado, em 3 de dezembro de 1981 foi criado o curso Técnico de Desenho Industrial (LEITE, 2010, p. 83; MENGATTO, 2009, p. 28). O novo curso, no entanto, contava com o mesmo corpo docente e manteve a estrutura física e curricular do curso técnico de Decoração ao longo dos primeiros anos.

O departamento acadêmico de Desenho Industrial, tal qual o CEFET, se desenvolveu ao longo dos anos com o objetivo de se alinhar às expectativas do mercado e atender aos requisitos do MEC. No ano de 1998 a instituição iniciou o projeto de transformação em Universidade Tecnológica, propiciando a criação de novos cursos e também a ampliação para novos campi.

¹ Composição com Tipos Móveis.

No ano seguinte, em 1999, o curso técnico de Desenho Industrial foi extinto, e em seu lugar foram implantados dois cursos Superiores de Tecnologia: Curso Superior de Tecnologia em Artes Gráficas (modalidade: Projeto Gráfico) e o Curso Superior de Tecnologia Em Móveis (modalidade: Projeto de Móveis). Essa reformulação levou em consideração a demanda nacional e regional, mas também revela as inclinações que o corpo docente de Desenho Industrial já tinha para esses dois campos de estudo (MENGATTO, 2009, p. 32-33).

O projeto de mudança de Centro Federal para Universidade Tecnológica foi enviado para Brasília em maio de 2003, e após alguns anos sendo discutido em diversas comissões, a proposta foi aceita. Com sanção do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 7 de outubro de 2005 foi criada a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) (LEITE, 2010, p. 118-120). No ano seguinte, o MEC lançou o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia, fazendo com que alguns cursos sofressem alterações para se adequar às novas diretrizes. Entre as mudanças que aconteceram, o Bacharelado em Design foi adicionado ao catálogo de cursos da UTFPR no ano de 2007 (LEITE, 2010, p. 120; MENGATTO, 2009, p. 37).

3 As outras escolas de Design em Curitiba

A institucionalização do ensino de Design em Curitiba aconteceu em paralelo ao fortalecimento da produção cultural paranaense e a modernização da cidade, que recebeu investimentos para a industrialização nos anos 1960 e passou por uma reforma urbana na década de 1970 (RIBEIRO, 2014, p. 23-24, 34-35). Influenciados por esses e outros fatores, no ano de 1975 surgiram em Curitiba os primeiros cursos superiores de Design da região Sul do país, na PUC-PR e na UFPR (COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 165), seis anos antes do curso técnico de ensino médio no CEFET-PR.

Os cursos tinham duração de 4 anos e proporcionavam o diploma de Desenhista Industrial. A extensão era determinada pelo Currículo Mínimo Nacional (tabela 1), proposto em 1969 e implantado pelo Conselho Federal de Educação. A justificativa principal para um currículo era a de “[...] permitir maior flexibilidade na estrutura de ensino e expandir o acesso à educação, seguindo as diretrizes do desenvolvimento econômico pregado pela política nacional” (CARVALHO, 2015, p. 51 *apud* FERREIRA, 2018, p. 52).

Tabela 1: Currículo Mínimo de Desenho Industrial - Parecer N°408/69.

MATÉRIAS BÁSICAS	MATÉRIAS PROFISSIONAIS Desenho Industrial	MATÉRIAS PROFISSIONAIS Comunicação Visual
Estética e História das Artes e Técnicas	Materiais Expressivos e Técnicas de Utilização	Expressão em Superfície, Volume e Movimento
Ciências da Comunicação	Estudos Sociais e Econômicos	Estudos Sociais e Econômicos
Plástica	Expressão	Análise Gráfica
Desenho	Teoria da Fabricação	Teoria da Técnica e dos Materiais
	Planejamento: Projeto e seu Desenvolvimento	Planejamento: Projeto e seu Desenvolvimento

Fonte: FERREIRA, 2018, p. 88.

O programa do Currículo Mínimo de 1969 tinha como referência a estruturação de matérias da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no estado da Guanabara, e apresentava as matérias básicas e específicas para cada habilitação: Desenho Industrial e Comunicação Visual (BLASIU; BRAGA, 2014, p. 138, 145). Pioneira no ensino superior específico em Desenho Industrial no Brasil, a ESDI tinha uma visão pragmática sobre a relação forma-função e era voltada para agir sobre o mercado, mas aderiu preferencialmente aos preceitos estéticos do exterior. Havia a predominância de um ensino de projeto com referências aos postulados da Escola Superior da Forma de Ulm, na Alemanha, e seu currículo também era baseado nessa mesma escola, que tinha o desejo de aproximar-se da indústria, embora mantivesse críticas a esse setor produtivo principalmente quando adotava o *styling*.

A escola brasileira era rigorosa no ensino sob os postulados da corrente funcionalista do Design, mas deixou de lado os princípios da prática da pesquisa, fator que estava na essência da escola alemã (BASSO; STAUDT, 2010, p. 9-12; COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 161). O Currículo Mínimo Nacional estruturado com base na ESDI foi o modelo adotado pela UFPR e pela PUC-PR, e também por outros cursos superiores de Design do Brasil que tinham currículos e métodos de ensino semelhantes aos de Curitiba.

3.1 Desenho Industrial na UFPR

A criação do curso na Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi motivada por Adalice Araújo, artista, crítica de arte e professora de História da Arte na instituição. Sua intenção era a de aproximar criatividade e tecnologia, inspirada na proposta da Bauhaus que produzia uma “arte voltada para o povo”. Seu plano era formar profissionais para trabalhar na recém-instalada Cidade Industrial, onde a arte desempenharia um papel social, pois a professora via o Design como “uma arte voltada para a sociedade” (BLASIU; BRAGA, 2014, p. 140-141).

O viés artístico do curso foi deixado para trás, pois a proposta implantada oficialmente teve adaptações feitas por outros professores, como o arquiteto Manoel Coelho. Ele tinha uma visão mais tecnológica e acreditava ser necessário implantar disciplinas como ergonomia e física, afastando o curso das belas artes e capacitando melhor o profissional para projetar (BLASIU; BRAGA, 2014, p. 142-143).

A matriz curricular (tabela 2) implantada em 1976 não incluiu as disciplinas de dança, teatro e cinema, como a professora Adalice Araújo planejava, mas grande parte das matérias ainda eram relacionadas à área artística (BLASIU; BRAGA, 2014, p. 46-47). O currículo de Desenho Industrial da UFPR não tinha uma habilitação específica, mas a escolha de disciplinas seguia os princípios indicados pelo Currículo Mínimo Nacional (tabela 1). A grade da UFPR reunia uma grande carga horária dedicada às matérias de desenho, e tinha uma quantidade ainda mais expressiva de horas de disciplinas de projeto, corroborando com o propósito de formar profissionais para a crescente indústria local.

Tabela 2: Grade Curricular da UFPR, adotada em 1976.

SETOR	MATÉRIA	H/a
Desenho - 405h	Introdução ao Desenho Industrial	75h
	Geometria Descritiva I e II	150h
	Desenho Técnico	90h
	Desenho Geométrico I e II	90h

Materiais - 435h	Materiais Expressivos e Técnicas de Utilização I, II e III	225h
	Plástica I e II	120h
	Teoria da Fabricação I e II	90h
Projeto - 990h	Expressão em Superfície I e II	150h
	Expressão em Volume I e II	150h
	Expressão em Movimento I e II	150h
	Projeto e seu Desenvolvimento I, II, III, IV, V e VI	540h
Ergonomia - 75h	Ergonomia	75h
História - 90h	História da Arte I e II	90h
Comunicação Visual - 160h	Fundamentos de Expressão e Comunicação Humanas	90h
	Introdução à Ciência da Comunicação I e II	90h
Filosofia - 135h	Axiologia I e II	75h
	Problemas Fundamentais da Filosofia	60h
Estudos Sociais - 150h	Estudos Sociais e Econômicos I e II	90h
	Estudos de Problemas Brasileiros I e II	60h
Matemática - 150h	Cálculo com Geometria Analítica	60h
	Física Básica	90h

Fonte: BLASIU; BRAGA, 2014, p. 46-47.

No início, o curso tinha professores formados em artes, arquitetura (alguns trabalhavam com Design), e designers vindos da ESDI, que ajudaram a consolidar o viés não artístico do curso (BLASIU; BRAGA, 2014, p. 148, 154). Alguns professores posteriormente também trabalharam na PUC-PR e na UTFPR, contribuindo com a institucionalização do Design na cidade.

3.2 Desenho Industrial na PUC-PR

Também em 1975, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) foi a primeira instituição particular a implementar um curso de Desenho Industrial em Curitiba. Idealizado por professores da área de Ciências Exatas, o curso nasceu no departamento de Matemática, indo na contramão dos cursos pioneiros de Design que eram provenientes das Artes e/ou Arquitetura. Não se tem informações sobre quais os motivos que levaram à criação do curso na PUC-PR, mas muito provavelmente foi por influência também da industrialização do Paraná e do projeto de urbanização de Curitiba (COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 164-165).

O currículo de disciplinas da PUC-PR (tabela 3) seguia os princípios do Currículo Mínimo Nacional (tabela 1), e algumas matérias até utilizavam o nome sugerido. A matriz curricular incluía matérias das duas habilitações possíveis, assim como na UFPR, e continha também algumas disciplinas institucionais coerentes com o propósito da universidade, como Teologia e Deontologia (COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 169-171).

Tabela 3: Grade Curricular da PUC-PR, adotada em 1975.

SETOR	MATÉRIA
Desenho	Desenho I e II
	Desenho Industrial I
	Geometria Descritiva
	Desenho Geométrico
	Perspectiva e Sombra
Materiais	Materiais Expressivos e Técnicas de Utilização I e II
	Plástica I e II
	Iniciação às Técnicas Industriais
	Teoria da Fabricação I e II
Projeto	Expressão I, II e III
	Composição I, II, III e VI
	Projeto e seu Desenvolvimento I e II
História	História das Artes I e II
	História das Técnicas
	Estética I e II
Comunicação Visual	Ciências da Comunicação
	Fotografia
	Análise Gráfica I e II
Filosofia	Filosofia I e II
	Deontologia
	Teologia I e II
Matemática	Elementos de Matemática Aplicada I e II
Estudos Sociais	Estudos Sociais e Econômicos I e II
	Estudo de Problemas Brasileiros I e II
Prática Profissional	Prática Profissional I e II (estágio supervisionado)
Educação Física	Educação Física I e II

Fonte: COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 169.

Apesar de ser um curso idealizado por professores de Exatas, o histórico de disciplinas (sem a referência da quantidade de horas/aula) demonstra um equilíbrio entre as matérias de projeto e as teóricas/artísticas. Em comparação com o currículo da UFPR, a PUC-PR oferecia uma quantidade maior de disciplinas, como Estética e Fotografia (além das matérias institucionais), mas não tinha aulas de Ergonomia e Física, relacionadas às disciplinas de projeto.

No início do curso, uma das principais dificuldades era a falta de conhecimento da profissão de designer; tanto pelos professores que vinham de outras áreas, mas também por parte dos alunos, que em sua maioria optaram pela graduação por ainda não existir o curso de Arquitetura na PUC-PR (COSTA; BRAGA; SANTOS, 2014, p. 167). Na UFPR o curso de Desenho Industrial era procurado principalmente por alunos que não foram aprovados no vestibular de Arquitetura (BLASIUS; BRAGA, 2014, p. 149), mas muitos dos professores já tinham algum conhecimento sobre a atividade profissional.

A arquitetura era uma área profissional de grande destaque na época, com muitas oportunidades de emprego relacionadas ao crescimento da cidade. A malha urbana de Curitiba havia sido planejada e reformada na década de 1940, mas, com o veloz e imprevisto desenvolvimento da cidade, algumas soluções se tornaram obsoletas. A nova estratégia, planejada por volta de 1960, preocupava-se com questões ambientais e incluiu uma remodelação do centro, gerando diversos empregos na área da construção e planejamento urbano. Entre as oportunidades para arquitetos e projetistas em Curitiba estava o mercado de móveis, que era o maior do país, tanto para móveis residenciais em estilo tradicional, quanto os industriais (não de marcenaria). Além disso, o novo planejamento urbano instituiu a criação da Cidade Industrial de Curitiba, com um agressivo investimento na industrialização e a chegada de grandes empresas (RIBEIRO, 2014, p. 30-33; BLASIUS; BRAGA, 2014, p. 152).

4 Desenho Industrial no CEFET

A perspectiva de trabalho era promissora para projetistas nas novas indústrias, e segundo Ivo Mezzadri, diretor do CEFET em 1981, havia carência de “técnicos especializados em desenvolver projetos relativos especialmente à Indústria Moveleira, além de indústrias têxteis, gráficas, de cerâmicas, de esquadrias, de embalagens (papel e papelão), de fibras de vidro, plásticos e indústrias de joias” (MEZZADRI apud LEITE, 2010, p. 83). Essa carência foi uma das razões escritas no relatório enviado para o Conselho Federal de Educação, justificando a criação do primeiro curso Técnico em Desenho Industrial do país. Além desse motivo, a procura por cursos técnicos estava diretamente ligada à expansão das indústrias, e a criação do curso veio para atender justamente essa demanda, no setor que estava “em franco desenvolvimento nas Cidades Industriais de Araucária e Curitiba, além dos polos industriais de Campo Largo, Ponta Grossa, Maringá, Cascavel, Apucarana e Parque Industrial de Santa Catarina” (LEITE, 2010, p. 66, 83).

A proposta de criação de um novo curso partiu de docentes do curso de Decoração que lecionavam também no curso de Desenho Industrial da PUC-PR, como a prof.^a Maria Cecília Araújo de Noronha² (presidente da comissão que elaborou o projeto curricular do novo curso)

² Graduada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), em Desenho pela PUC-PR, e mestre em Educação pela UFPR. Tornou-se professora de História da Arte e Estética no CEFET em 1975, da PUC-PR em 1980, também deu aulas na EMBAP e em diferentes cursos livres e de pós-graduação. Esteve presente nas comissões de criação dos cursos de Pós-Graduação em História da Arte na EMBAP e na PUC-PR. Atuou em Comissões Organizadoras e Julgadoras de Salões de Arte, curadorias de exposições, organização de eventos acadêmicos etc. Foi diretora do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, do Museu de Arte do Paraná e do Museu Universitário da PUC-PR (NORONHA, 2022).

e o prof. Fernando Antônio Fontoura Bini³. Ao comparar os cursos das duas instituições, perceberam que os alunos de Decoração tinham uma formação muito semelhante, em alguns casos até superior à formação do curso universitário⁴. Mas a denominação “Decoração” limitava as oportunidades de trabalho, enquanto “Desenho Industrial” era uma novidade que despertava interesse, tanto dentro da escola quanto nas indústrias. O objetivo principal foi a ampliação do mercado de trabalho, e a inspiração para a proposta de um curso técnico veio a partir das leituras feitas pelo professor Hans Joachin Urban, que falava alemão e tinha acesso a informações sobre as escolas técnicas alemãs de maior destaque na época, as *Hauptschulen*⁵. Tais leituras influenciaram na consciência de que a formação técnica para os jovens poderia ser tão importante quanto a universidade (NORONHA, 2022).

Assim como os outros cursos de 2º grau do CEFET, a nova formação tinha a duração de 4 anos e duas opções: habilitação de Auxiliar Técnico em Projetos de Móveis ao concluir 3 anos (escolha mais comum entre alunos que ingressavam em um curso de ensino superior logo após concluir as disciplinas do ensino médio), e um Diploma de Técnico em Desenho Industrial ao concluir os oito períodos do curso (LEITE, 2010, p. 83).

A qualidade do ensino no CEFET era nacionalmente reconhecida, com oficinas modernas e recém-reformuladas, sendo uma referência para o ensino técnico e engenharias. Com o objetivo de melhorar ainda mais, o diretor Ivo Mezzadri acreditava que a inclusão de atividades artísticas teria imensos benefícios no desenvolvimento pessoal dos estudantes, e a partir de 1972 deu início a atividades de teatro, coral, banda marcial, e até mesmo um festival de cinema (LEITE, 2010, p. 61). Apesar das iniciativas artísticas da diretoria, o projeto pedagógico de Desenho Industrial tinha um forte viés funcionalista e focava nas disciplinas de ensino técnico, coerente com o projeto de industrialização que contextualizou a criação do curso, principalmente ligado à indústria moveleira.

Mesmo com objetivos ligados ao mercado de trabalho, a professora Maria Cecília (2022) relata que o intuito principal dos professores era desenvolver a criatividade nos alunos, e que esse objetivo já existia em meados de 1970 no curso de Decoração. O corpo docente era composto por professores que, em sua maioria, tinham ensino superior em Desenho Industrial ou Arquitetura, fora os professores mais antigos – da época da Escola Técnica. Alguns professores também davam aula nos outros cursos de Desenho Industrial de Curitiba, portanto já tinham uma mentalidade relacionada ao Design, fazendo com que a implementação do novo curso técnico ocorresse com muita cooperação (NORONHA, 2022).

³ Bacharel em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Bini iniciou a carreira docente em 1971 ministrando aula de desenho geométrico e perspectiva para o Curso de Decoração na Escola Técnica Federal do Paraná. Neste mesmo ano, Bini começa a trabalhar na Plastipar, indústria de acessórios para móveis, em desenvolvimento de produtos e projetos de material gráfico. Em 1980, Bini passa também a lecionar História das Técnicas e do Desenho Industrial no curso de Design da UFPR (BRAGA, 2016). Portanto é um personagem ativo no campo do Design e nos cursos superiores de Desenho Industrial de Curitiba.

⁴ A professora Maria Cecília destaca aspectos como a maior experiência dos professores, principalmente na criação de projetos de móveis, visto que a Indústria Moveleira era muito forte no sul do Brasil (NORONHA, 2022).

⁵ A *Hauptschule* é uma das três modalidades de ensino fundamental disponíveis na Alemanha. Ela possui um ensino vocacional, do 5º ao 9º ano, e foi desenvolvida a partir dos anos 1950, matriculando 65% a 70% da população estudantil na época. Nesta modalidade há disciplinas práticas como Carpintaria, Metalurgia ou Desenho Técnico, com o objetivo de formar aprendizes para a indústria. (Goethe-Institut; Encyclopedia Britannica).

Durante os primeiros anos do curso, as disciplinas (tabela 4) eram uma atualização da matriz curricular do curso técnico de Decoração, para justificar a mudança de nome do curso para Desenho Industrial e se adequar às normas do Conselho Federal de Educação. As disciplinas do curso de decoração, segundo um histórico escolar de 1973–1977, eram: Desenho Básico, Geometria Descritiva, Desenho de Móveis, Desenho Arquitetônico, Materiais e Revestimentos, Composição, História da Arte, Psicologia Específica, Organização e Normas (MENGATTO, 2009, p. 28). Além das disciplinas citadas, e das presentes na tabela 4, os cursos tinham também as matérias tradicionais do ensino médio nos três primeiros anos.

Tabela 4: Primeira Grade Curricular do Curso Técnico em Desenho Industrial do CEFET, 1981.

SETOR	MATÉRIA	H/a
Desenho - 752h	Desenho Básico I e II	128h
	Geometria Descritiva I e II	112h
	Desenho Técnico	32h
	Desenho Mecânico	80h
	Desenho de Móveis I, II, III e IV.	240h
	Desenho Arquitetônico I e II	96h
	Perspectiva	64h
Materiais - 352h	Tecnologia e Materiais I, II e III	96h
	Materiais Expressivos I e II	256h
Projeto - 432h	Composição I, II, III, IV, V e VI	432h
História - 176h	História da Arte I, II, III, IV e V.	176h
Comunicação Visual - 128h	Desenho de Artes Gráficas I e II	128h
Psicologia - 80h	Psicologia I, II, III e IV	80h
Organização e Normas - 32h	Organização e Normas	32h
Estágio Supervisionado - 400h	Estágio Supervisionado	400h

Fonte: Matriz Curricular n.01 - 2º Grau Técnico Em Desenho Industrial. 1981, CEFET Câmpus Curitiba.

As disciplinas de projeto – na época reconhecidas pelo nome Composição – eram aulas com professores formados em áreas correlatas ao campo do Design, propiciando uma proposta de criação mais ampla. Além de móveis, havia a possibilidade de elaboração de objetos e adornos que pudessem compor os ambientes, e também uma preocupação com a apresentação dos projetos, envolvendo uma criação gráfica. Não era algo definitivo e explícito nos objetivos das disciplinas, mas o campo gráfico estava presente desde o curso de Decoração e foi tomando corpo progressivamente. Ao mesmo tempo, os professores foram percebendo essa nova possibilidade também como uma oportunidade para o mercado de trabalho, e aos poucos o Design Gráfico foi se integrando ao curso (NORONHA, 2022).

Apesar de coordenado pela professora Maria Cecília, inicialmente o corpo docente era formado somente por professores homens, sendo ela a única mulher. O curso de Desenho Industrial era pouco conhecido na instituição, bastante desvalorizado, e visto como uma formação voltada apenas para mulheres, o que já ocorria quando era o Técnico em Decorações (ONO, 2021). Ao longo dos primeiros anos do curso entraram novos docentes, incluindo professores de Desenho Industrial de outras instituições e ex-alunos(as) de Decoração.

Entre as novas docentes, a professora Maristela Mitsuko Ono, arquiteta recém-formada, logo percebeu uma necessidade de mudanças na organização das disciplinas. Após realizar um curso de Especialização em Design Industrial no Japão em 1986, ela voltou com muitas ideias e uma proposta de mudança curricular, objetivando “um enfoque muito maior no Design” e diminuindo a quantidade de matérias práticas e teóricas relacionadas ao curso de Decoração (ONO, 2021). Em 1987, venceu um concurso nacional de Desenho Industrial, promovido pelo FIESP/CIESP, e isso refletiu na imagem do curso no qual era docente, fazendo com que ele ganhasse mais reconhecimento dentro do CEFET. Em decorrência do prêmio, recebeu um convite para coordenar o Departamento de Desenho Industrial (DADIN), apesar de ser jovem e ainda ter pouca experiência docente. No ano seguinte, após muitos desafios, a nova matriz curricular entrou em vigor (tabela 5) (ONO, 2021).

Tabela 5: Segunda Grade Curricular do Curso Técnico em Desenho Industrial do CEFET, 1988.

SETOR	MATÉRIA	H/a
Desenho - 576h	Desenho Básico I e II	128h
	Geometria Descritiva I e II	96h
	Desenho Técnico I e II	64h
	Desenho Técnico Mecânico I e II	64h
	Desenho de Móveis I e II	128h
	Perspectiva I e II	96h
Materiais - 352h	Tecn. e Propriedade dos Materiais I, II, III e IV	128h
	Laboratório de Materiais e Modelos I e II	224h
Projeto - 448h	Composição I, II, III, IV, V e VI	448h
Ergonomia - 64h	Ergonomia Aplicada I e II	64h
História - 160h	História da Arte I e II	64h
	Estética e História do Desenho Industrial I e II	96h
Comunicação Visual - 208h	Desenho de Artes Gráficas I e II	144h
	Computação Gráfica I e II	64h
Psicologia - 64h	Psicologia I e II	64h
Estágio Supervisionado - 400h	Estágio Supervisionado	400h

Fonte: Matriz Curricular n.02 - 2º Grau Técnico Em Desenho Industrial. 1988, CEFET Câmpus Curitiba.

As disciplinas herdadas do curso de Decoração foram reduzidas, e entraram matérias novas como Ergonomia, Estética e História do Desenho Industrial, além de atualizações nas ementas para que as disciplinas ficassem mais coerentes com os outros cursos de Desenho Técnico e/ou de Design que a professora Maristela tinha como referência. Uma grande novidade foi a matéria de Computação Gráfica, implementada pela primeira vez em Curitiba “reforçando a consolidação do Design como meio de formação para um mercado industrial e em desenvolvimento tecnológico” (MENGATTO, 2009, p. 31).

A disciplina foi implementada com o auxílio do professor José Antônio Pereira, responsável pela matéria de Materiais Expressivos na ocasião, e docente da escola desde o curso de Decoração (ONO, 2021). Ele trouxe da Inglaterra um computador portátil que funcionava com o sistema DOS, e inicialmente utilizou aplicativos como *AutoCad* e *CorelDraw* durante as aulas de Computação Gráfica (ONO, 2022). Posteriormente, com a entrada de novos professores, a disciplina foi sendo ministrada e foram incorporados novos *softwares*, como *Photoshop* e alguns de modelagem em 3D. A falta de capacitação dos professores foi um problema solucionado gradativamente, por meio de oficinas e cursos que foram ofertados em semanas de planejamento (ministrados por professores do próprio departamento), enquanto alguns interessados também procuraram cursos externos (ONO, 2022).

O laboratório, utilizado exclusivamente para a disciplina, continha bancadas com monitores e computadores *desktop*, e foi outra novidade implementada pela professora Maristela em seu período como coordenadora (1987-1989). A criação de algumas salas de aula e laboratórios específicos para o curso foi realizada com o apoio do então diretor geral, Artur Antônio Bertol. Entretanto, a implementação da disciplina de Computação não foi devidamente compreendida e aceita por muitos docentes do curso (ONO, 2022).

O currículo proposto pela coordenadora sugeria a integração da disciplina de Computação às matérias projetuais, audiovisuais e de capacitação técnica (ex: desenho industrial, modelos e maquetes), em vez de uma disciplina independente. Mas muitos professores não viam a necessidade desses novos recursos tecnológicos, visto que estavam habituados aos processos manuais para o desenho técnico, artes finais e maquetes, e também não acreditavam que essas tecnologias chegariam tão rapidamente ao CEFET-PR (ONO, 2022).

A professora Suzete Mengatto⁶, que lecionava Desenho de Móveis⁷ na época, comenta que não havia muitos computadores disponíveis. Por este motivo, não seria viável utilizá-los em outras matérias, apenas nas aulas de computação (MENGATTO, 2022). Thanani Gomes⁸ (2022), egressa que realizou a disciplina em 1994, acrescenta que era necessário formar duplas para utilizar os computadores. Apesar de serem poucos aparelhos, a disciplina era atualizada e coerente com mercado de trabalho, e entre seus conteúdos havia “introdução ao *Windows* e alguns programas modernos pra época, como *AutoCad*, *Corel Draw* e *Page Maker*” (GOMES, 2022).

⁶ Egressa do Técnico em Decorações (1973-1977) no CEFET-PR e graduada Artes Plásticas (1983), foi docente na UTFPR de 1988 a 2017. Trabalhou em empresas importantes do ramo moveleiro e se especializou nas áreas de Móveis e Design de Interiores.

⁷ As disciplinas abordavam os tipos de materiais, dispositivos e encaixes para móveis, a confecção de um protótipo, o estudo para um sistema de móveis modulados e também a execução de um projeto de móvel para escritório (MENGATTO, 2022).

⁸ Aluna do curso técnico de 1991 a 1944, bacharel em Design Gráfico pela PUC-PR (1996-1999), possui diferentes especializações e trabalha na Prefeitura de Curitiba como designer desde 1994, com desenho técnico e artes gráficas em geral.

Em setembro de 1988 a nova matriz curricular foi oficialmente aceita, e foram assinados os documentos que apresentavam “os principais dados do Curso Técnico de Desenho Industrial como a estrutura curricular, habilitações, corpo docente, corpo discente e sistema de avaliação” (MENGATTO, 2009, p. 29). O novo objetivo do curso era, de acordo com a Coordenadora Prof.^a Maristela Ono e com o Chefe do Departamento Prof. Marcus Aurélius Stier Serpe, em um documento assinado por eles nesta ocasião: “formar profissionais com domínio de técnicas de representação bidimensional e tridimensional, com princípios de ergonomia aplicada, em conjunto com o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, percepção e sentido estético” (MENGATTO, 2009, p. 28). Em relação a estes objetivos, Thanani Gomes (2022) relata que se sentia muito preparada para o mercado de trabalho, e que “os professores conduziam a gente pra esse desenvolvimento [da criatividade]. Nos ensinavam a pensar fora dos padrões, criar algo novo ou mudar algo que já existe sempre com ética e de acordo com as teorias do design”. Ademais, durante sua graduação, os egressos do CEFET demonstravam domínio de diversos conteúdos, evidenciando uma base técnica muito forte em comparação com colegas vindos de outras escolas (GOMES, 2022).

Entre as referências para o novo currículo, a professora Maristela cita os outros cursos de Desenho Industrial de Curitiba e ressalta que havia uma forte influência de escolas internacionais, como as da Europa e a do Japão – onde realizou sua especialização e trouxe a inspiração para as disciplinas de Computação Gráfica. Seu objetivo era ter uma estrutura curricular com uma base comum de disciplinas, para que depois os alunos pudessem optar por uma habilitação específica como Design de Produto ou Design Gráfico, já com mais propriedade para tomar essa decisão (ONO, 2021).

O propósito de desenvolver matérias interdisciplinares, rompendo as fronteiras entre as áreas (como Design Gráfico, Desenho Industrial e Arquitetura), não foi possível na época. Havia uma forte divisão entre as matérias teóricas e as práticas, e também havia pouca abertura por parte dos professores mais antigos. Muitos resistiam em ceder carga horária, flexibilizar e aceitar novas disciplinas. Além desses conflitos “políticos”, a nova coordenadora relata que teve outros problemas, como o preconceito por ser uma das poucas mulheres em um corpo acadêmico composto majoritariamente por homens, e a dificuldade de ser levada a sério por professores experientes sendo uma jovem recém-formada (ONO, 2021).

Apesar dos obstáculos, a professora Maristela relata que as alterações conquistadas em 1988 foram “a grande mudança” no currículo, e a mais difícil de todas. Os atritos causados nessa época resistiram por muitos anos, mesmo entre professores que eram amigos. Nos anos seguintes entraram novos docentes, incluindo egressos do CEFET, e as atualizações no programa ficaram menos complicadas e cada vez mais coerentes com o contexto social e o mercado da época, encaminhando o curso cada vez mais em direção ao Design (ONO, 2021).

A quantidade expressiva de disciplinas de desenho técnico na grade curricular do CEFET em 1981 era uma das heranças do Curso Técnico em Decorações de Interiores, que desde a década de 1940 tinha como eixo principal o desenho de móveis, uma indústria muito significativa na cidade de Curitiba. As mudanças do currículo acadêmico realizadas no ano de 1988 não romperam completamente com as práticas acadêmicas do curso de Decoração (como a preferência por mobiliários), mas deram início a uma abertura que, nos anos seguintes, direcionou o curso cada vez mais rumo aos atuais cursos de ensino superior de Design presentes na instituição. A tradição do desenho de móveis manteve-se paralela ao desenvolvimento das outras áreas, como as inovadoras disciplinas de Computação Gráfica e o moderno laboratório de Fotografia, que foi construído nos anos seguintes.

Devemos lembrar que em 1987 o MEC finalmente aprova e implementa um novo Currículo Mínimo para cursos superiores de Desenho Industrial, que consolidou as duas habilitações de Projeto de Produto e Programação Visual. Esse currículo era baseado em proposta encaminhada pela categoria de desenhistas industriais ao MEC em 1979 (FERREIRA, 2018). Apesar de defasado para a realidade do campo do Design em fins dos anos 1980, esse Currículo Mínimo possuía um conjunto de matérias mais afinadas com a identidade do designer brasileiro dos anos 1980 do que o anterior de 1969 que ficou em vigor até esse momento. Nele estão, entre outras, as matérias de Ergonomia, Materiais Industriais, História da Arte e da Tecnologia (que incluía História do Desenho Industrial), Produção e Análise da Imagem e as de Desenvolvimento de Projeto para cada habilitação (FERREIRA, 2018, p. 168). O advento deste Currículo Mínimo provocou debates no meio acadêmico, devido a necessidade de adaptação dos cursos em todo o país, e em 1987 já ocorre um evento de escolas especificamente para avaliar o novo Currículo Mínimo (FERREIRA, 2018).

O debate continua em 1988, quando foi organizado um Workshop intitulado “O ensino de Desenho Industrial nos anos 1990”, no qual comparecem representantes de escolas de todo o país, e onde se critica a situação do ensino de Desenho Industrial no Brasil e se aponta algumas defasagens do Currículo Mínimo implementado. O evento define “mudança de nomenclatura da profissão, passando de Desenho Industrial para Design”, e aprova um documento final no qual “reafirma-se que tanto o termo Design, quanto os títulos anteriores de Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho de Produto e Projeto de Produto são de uso exclusivo de cursos de 3º grau” (FERREIRA, 2018, p. 175). E ainda que queria com isso “evitar uma falsa habilitação ao 2º grau, que poderia acarretar dúvidas quanto à qualificação profissional exigida para o desempenho destas funções” (*id. Ibid*).

No mesmo documento, há uma clara proposta de delimitar quais seriam as atribuições de uma formação em nível técnico para atuar no campo do design:

4. Propõe-se encaminhar ao MEC recomendação no sentido de incentivar a criação e o aperfeiçoamento de cursos técnicos a nível de 2º grau, que habilitam o aluno para as técnicas de representação e detalhamento do projeto, ou seja, à formação de técnicos de nível médio que trabalhem sob a coordenação e supervisão de designers. Deve-se deixar claro, contudo, que tais cursos não habilitam o aluno à prática do projeto (CARTA DE CANASVIEIRA, 1989).

Não há menção, no entanto, ao curso do CEFET, embora ele fosse conhecido ao menos pelos docentes dos cursos superiores do Paraná.

A mudança curricular em 1988 do curso técnico de Desenho Industrial do CEFET ocorreu, portanto, em um cenário em que o debate sobre a formação no campo do Design estava em plena pauta. As discussões na academia de cursos superiores de Design giravam em torno das competências e habilidades que deveriam caracterizar a identidade do designer. No CEFET se buscou uma aproximação com a formação mais afeita ao campo do Design, e em um cenário que era explicitamente adverso ao ensino de Desenho Industrial/Design, especificamente ao ensino projetual em Design, no nível técnico/médio. Isto dá uma dimensão do que a mudança de 1988, no CEFET, teve que enfrentar tanto as resistências internas de alguns docentes do curso, quanto as críticas de outros docentes externos ao curso, da própria instituição e de outros cursos de Design da época. Porém, esse mesmo cenário não impediu que noções de criatividade e projeto continuassem a ser ministradas nas disciplinas.

5 Considerações finais

Além das novidades no novo currículo de 1988, a professora Maristela Ono também fez mudanças espaciais na instituição, ao conseguir salas exclusivas para o curso e novos laboratórios, como os de Computação Gráfica, Ergonomia, Materiais Expressivos e Fotografia. As novas salas, agora unificadas em um mesmo bloco, contribuíram para o fortalecimento da identidade do curso, que obteve mais reconhecimento dentro da instituição e passou a realizar intervenções nos corredores, montar exposições em áreas de destaque dentro do campus, e interagir com discentes de outros cursos por meio de projetos e eventos (ONO, 2021).

Mesmo sendo um curso que compartilhava sua carga horária com disciplinas de ensino médio, a quantidade de horas de aula de Desenho e História do ensino técnico eram compatíveis aos cursos de ensino superior analisados, tendo apenas a carga horária de projeto reduzida em relação à grade curricular inicial da UFPR. A variedade de disciplinas era semelhante aos outros cursos de Desenho Técnico em Curitiba, seguindo os princípios propostos pelo currículo mínimo nacional de 1969, mas com carga horária correspondente a uma formação técnica de ensino médio. O curso do CEFET destacava-se pela praticidade de formar-se técnico durante o ensino médio, facilitando a profissionalização daqueles que precisavam entrar no mercado de trabalho logo cedo. Ainda assim, segundo o relato cedido pela professora Maristela Ono (2021), a maioria dos alunos buscava uma formação superior em seguida, em cursos de áreas relacionadas como os de Desenho Industrial e Arquitetura na UFPR.

O curso foi o primeiro técnico em Desenho Industrial no país, e contribuiu para institucionalizar o Design na cidade. Com um corpo docente experiente, com competências e habilidades no segmento dos cursos de decoração, o curso Técnico em Desenho Industrial do CEFET foi referência para o ensino de Design em Curitiba nos anos 1990, formando professores e profissionais relevantes para o cenário acadêmico e para o mercado local, principalmente relacionado à indústria moveleira.

A reestruturação que ocorreu em 1988 colaborou para que o curso tivesse seus objetivos reformulados e a clara intenção de se aproximar ainda mais do Design, o que eventualmente aconteceu nas décadas seguintes. As decisões tomadas na ocasião possibilitaram atualizações nas disciplinas, como alterações nas ementas e carga horária, e abriu portas para que as matérias seguissem se desenvolvendo no decorrer dos anos, fazendo com que o curso continuasse relevante em relação às demandas do mercado de trabalho local, e atualizado acerca dos desenvolvimentos tecnológicos (como a fotografia e a computação). A proposta inicial de formar profissionais atuantes nas indústrias locais e da região também foi atualizada em 1988, privilegiando a formação de profissionais que, além de domínio das técnicas industriais, tivessem ainda mais competências relacionadas à sensibilidade, criatividade, percepção e sentido estético. Com o tempo, a escola passou a formar profissionais com maior incentivo ao pensamento crítico, como resultado do aumento das disciplinas teóricas de Design e de estudos sociais (presente no Currículo Mínimo de 1987 como Ciências Sociais).

Apesar das divergências internas e outras dificuldades relatadas pela professora Maristela, o curso conseguiu crescer ao longo dos anos, aumentando sua popularidade, ganhando espaço e respeito dentro e fora da instituição. Sua criação e desenvolvimento foram justificados, pois o tipo de profissional formado pelo curso técnico estava adequado às necessidades da economia local, assim como à demanda da indústria moveleira, um setor industrial importante no Paraná. Em 1999 o curso técnico de Desenho Industrial foi extinto por meio de legislação

educacional⁹ (ONO, 2022), e em pouco tempo foram implementados os primeiros cursos superiores de Tecnologia no DADIN: Tecnologia em Artes Gráficas e Tecnologia em Móveis, revelando a vocação do curso técnico para essas duas áreas. Em 2005 o CEFET tornou-se Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no ano seguinte foram criadas as primeiras especializações lato sensu na área de Design (Design de Mobiliário, Embalagem e Design de Interiores) e em 2007 foi criado o Bacharelado em Design.

6 Referências

- AMORIM, M. L. **Da Escola Técnica de Curitiba à Escola Técnica Federal do Paraná: Projeto de Formação de uma Aristocracia do Trabalho (1942–1963)**. 2004. 387 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- BLASIUS, G.; BRAGA, M. C. *Criação e implantação do curso de “Design” da UFPR*. In: BRAGA, M. C.; CORREA, R. O. (Org.). **Histórias do Design no Paraná**. Curitiba: Insight, 2014. p. 137-156.
- BRAGA, M. C. *Pioneering disciplines of History of Design in Brazil: the place of Graphic Design*. In: Souto, V. T.; Spinillo, C. G.; Portugal, C.; Fadel, L. M. (Eds). **Selected Readings of the 7th Information Design International Conference**. Brasília: Sociedade Brasileira de Design da Informação, 2016. p. 97 - 107.
- BRITANNICA, E. **Hauptschule**: German education. Encyclopedia Britannica, 1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Hauptschule>>. Acesso em: 26/03/22.
- CARVALHO, M. S.; SANTOS, A. de O. C. **Educação Profissional na Década de 1990: Institucionalidades e Interfaces com a Reforma do Ensino Médio de 2017**. IV Colóquio Nacional, I Colóquio Internacional: A Produção do Conhecimento em Educação Profissional. Natal, 2017.
- COSTA, H.; BRAGA, M. C.; SANTOS, A. *A implantação do curso de desenho industrial na PUCPR*. In: BRAGA, M. C.; CORREA, R. O. (Org.). **Histórias do Design no Paraná**. Curitiba: Insight, 2014. p. 157-176.
- FERREIRA, E. C. K. **Os Currículos Mínimos de Desenho Industrial de 1969 e 1987: Origens, Constituição, História e Diálogo no Campo do Design**. São Paulo: Blucher, 2018.
- GOETHE-INSTITUT. **Sistema Escolar**. Goethe-Institut. Disponível em: <<https://www.goethe.de/prj/mwd/ptbr/indeutschlandleben/sas/schulsystem.html>>. Acesso em: 26/03/22.
- GOMES, T. **Thanani Gomes**: Entrevista [05 ago. 2022]. Entrevistadora: Ana Carolina Martins Pinheiro. Curitiba: 2022.
- LEITE, J. C. C. (Org.). **UTFPR: Uma história de 100 anos**. Curitiba: Editora da UTFPR, 2010.
- MENGATTO, S. N. F. Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da UTFPR: Um capítulo da sua história em cursos. **Revista Tecnologia e Humanismo**. Curitiba, v. 23, n. 36, p. 21-54, jul./dez. 2009.
- _____. **Suzete Nancy Filipak Mengatto**: Entrevista [05 ago. 2022]. Entrevistadora: Ana Carolina Martins Pinheiro. Curitiba: 2022. (2h34min).

⁹ Segundo Carvalho e Santos (2017), a educação profissional de nível técnico passou a ter organização curricular própria e independente do ensino médio por meio do decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997, criado para regulamentar a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN/1996, o que na prática significou a extinção dos cursos de ensino médio integrado à educação profissional.

NEVES, L. de A. Memória e História: Potencialidades da História Oral. **ArtCultura**, UFU. Uberlândia, v. 5, n. 6, p. 27-38, jan./jun. 2003.

NORONHA, M. C. **Maria Cecília de Noronha**: Entrevista [24 mar. 2022]. Entrevistadora: Ana Carolina Martins Pinheiro. Curitiba: 2022. (38 min).

ONO, M. **Maristela Ono**: Entrevista [14 dez. 2021]. Entrevistadora: Ana Carolina Martins Pinheiro. Curitiba: 2021. (43 min).

_____. **Maristela Ono**: Entrevista [25 jul. 2022]. Entrevistadora: Ana Carolina Martins Pinheiro. Curitiba: 2022.

RIBEIRO, M. *O contexto da institucionalização do Design no Paraná: Notas sobre o cenário social, econômico e cultural em Curitiba nos anos 70*. In: BRAGA, M. C.; CORREA, R. O. (Org.). **Histórias do Design no Paraná**. Curitiba: Insight, 2014. p. 23-38.

6.1 Documentos

CARTA DE CANASVIEIRAS, in JORNAL DO LDP/DI. Florianópolis: LDP/DI, 1989.

Matriz Curricular n.01 - 2º Grau Técnico em Desenho Industrial. 1981, CEFET Câmpus Curitiba.

Matriz Curricular n.02 - 2º Grau Técnico em Desenho Industrial. 1988, CEFET Câmpus Curitiba.